

## ULTRARRROMANTISMO DO SÉCULO XIX E AS MÚSICAS DE SOFRÊNCIA DO SÉCULO XXI<sup>1</sup>

Laura Kroth Ceolin<sup>2</sup>, Joice Copetti Barasuol<sup>3</sup>, Rosana Silva Barros<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Pesquisa relativa à literatura e gênero musical

<sup>2</sup> Autor

<sup>3</sup> COAUTOR

<sup>4</sup> ORIENTADORA

### Resumo:

Sofrer por amor é muito antigo, desde sempre as lágrimas constituíram belíssimos romances eternizados. Nossa pesquisa foi sobre o ultrarromantismo, as músicas de sofrência e a relação entre os dois. Tendo em vista que ambas composições tratam do sofrimento amoroso. Após o conhecimento dos conceitos lemos poesias, ouvimos músicas e relacionamos os dois.

### O mal do século e o ultrarromantismo no mal do século

#### O que é o ultrarromantismo?

A partir do estudo da segunda geração romântica no Brasil, conhecemos uma produção literária que segue uma temática da musa inspiradora, com isso vimos também os escritores desta época exagerarem no conteúdo de seus poemas em relação a uma mulher inatingível, estas obras revelam o grau de sentimento e o quanto os poetas valorizam “o sofrer por amor”. No Brasil, no século XXI vemos surgir um estilo músicas de que difunde, o qual segue a linha do sofrimento, intitulado-se sertanejo universitário de sofrência.

Nas décadas de 50 e 60 do século XIX, durante o Romantismo, jovens poetas universitários de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se em um grupo, dando origem à poesia romântica brasileira conhecida como Ultrarromantismo. O Ultrarromantismo se caracteriza pelo pessimismo, sentimento de inadequação à realidade, ócio, desgosto de viver, essa geração sentia-se “perdida”, não tinha nenhum projeto no qual se apegar.

#### Características gerais do ultrarromantismo:

- Liberdade criadora (o conteúdo é mais importante que a forma, são comuns deslizes gramaticais);
- Versificação livre;
- Dúvida e dualismo;
- Tédio constante, morbidez, sofrimento, pessimismo, negativismo, satanismo, masoquismo, cinismo, autodestruição;
- Fuga da realidade para o mundo dos sonhos, da fantasia e da imaginação (escapismo, evasão);
- Desilusões adolescentes;
- Idealização do amor e da mulher;
- Subjetivismo, egocentrismo;
- Saudosismo (saudade da infância e do passado);
- Gosto pelo noturno;
- A morte: fuga total e definitiva da vida, solução para os sofrimentos;
- Sarcasmo, ironia.

Autores:

**Modalidade do trabalho:** Relatório Técnico-científico

Álvares de Azevedo (1831-1852) foi um poeta, escritor e contista, da segunda geração romântica brasileira. Suas poesias retratam o seu mundo interior. É conhecido como "o poeta da dúvida". Faz parte dos poetas que deixaram em segundo plano, os temas nacionalistas e indianistas, usados na primeira geração romântica, e mergulharam fundo em seu mundo interior. Seus poemas falam constantemente do tédio da vida, das frustrações amorosas e do sentimento de morte. A figura da mulher aparece em seus versos, ora como um anjo, ora como um ser fatal, mas sempre inacessível. Álvares de Azevedo é Patrono da cadeira nº 2, da Academia Brasileira de Letras.

Álvares de Azevedo deixa transparecer em seus textos, a marca de uma adolescência conflitante e dilacerada, representando a experiência mais dramática do Romantismo brasileiro. De todos os poetas de sua geração, é o que mais reflete a influência do poeta inglês Byron, criador de personagens sonhadores e aventureiros.

### SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que amanhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o doloroso afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

Casimiro José Marques de Abreu (4 de janeiro de 1839 – 18 de Outubro de 1860), foi um poeta, romancista e dramaturgo brasileiro, adepto ao movimento ultrarromântico. Ele é famoso principalmente pelo seu poema "Meus Oito Anos", além de ser patrono da sexta cadeira da Academia Brasileira de Letras.

Nascido em janeiro de 1839 em Barra de São João (renomeada em 1925 em sua homenagem como "Casimiro de Abreu"), sendo seus pais ricos fazendeiros portugueses José Joaquim Marques e Luísa Joaquina das Neves. O autor recebeu a educação básica em Nova Friburgo, no Instituto Freese, onde conheceu e tornou-se amigo de Pedro Luís Pereira de Sousa. Seguindo ordens do pai, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1852 para dedicar-se ao comércio, cuja atividade ele odiava.

Desejo

Se eu soubesse que no mundo  
Existia um coração,  
Que só' por mim palpitasse  
De amor em terna expansão;  
Do peito calara as mágoas,  
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda  
Como os anjos lindos são,  
Se tivesse quinze anos,  
Se fosse rosa em botão,  
Se inda brincasse inocente  
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,  
Os olhos com expressão,  
Negros, negros, que matassem,  
Que morressem de paixão,  
Impondo sempre tiranos  
Um jugo de sedução;

Se as tranças fossem escuras,  
Lá castanhas é que não,  
E que caíssem formosas  
Ao sopro da viração,  
Sobre uns ombros torneados,  
Em amável confusão;

Se a fronte pura e serena  
Brilhasse d'inspiração,  
Se o tronco fosse flexível  
Como a rama do chorão,  
Se tivesse os lábios rubros,  
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa  
Como d'harpa a vibração,  
Suave como a da rola  
Que geme na solidão,  
Apaixonada e sentida  
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse  
Em suave ondulação,  
Ocultando em brancas vestes  
Na mais branda comoção  
Tesouros de seios virgens,

Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa  
Que me aparece em visão,  
Possuísse uma alma ardente,  
Fosse de amor um vulcão;  
Por ela tudo daria...  
— A vida, o céu, a razão!

Junqueira Freire (1832 - 1855) Junqueira Freire nasceu e faleceu em Salvador (BA). Monge beneditino, sacerdote e poeta, Freire é autor de uma série de poemas acerca dos sofrimentos da vida religiosa. Monge beneditino, sacerdote e poeta. É conhecido por seus versos em que a tensão presente na vida religiosa está presente. Faleceu jovem, aos vinte e três anos e deixou uma obra poética permeada pelo sofrimento em decorrência da saúde debilitada e da vida clerical, que impunha severas restrições ao espírito do jovem sacerdote. Foi escolhido patrono da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número vinte e cinco por indicação de Franklin Távora. Sua obra é conhecida pela tensão presente nos versos, que oscilam entre a vida espiritual, a religiosa e o mundo material. Junqueira Freire também é produto do seu tempo, revelando interesse em aspectos então contemporâneos, como a postura republicana e antimonárquica, fruto de sua desilusão com a vida religiosa. A busca pela liberdade viria apenas com a morte.

Louco

(Hora de Delírio)

Não, não é louco. O espírito somente  
É que quebrou-lhe um elo da matéria.  
Pensa melhor que vós, pensa mais livre,  
Aproxima-se mais à essência etérea.  
Achou pequeno o cérebro que o tinha:  
Suas idéias não cabiam nele;  
Seu corpo é que lutou contra sua alma,  
E nessa luta foi vencido aquele,  
Foi uma repulsão de dois contrários:  
Foi um duelo, na verdade, insano:  
Foi um choque de agentes poderosos:  
Foi o divino a combater com o humano.  
Agora está mais livre. Algum atilho  
Soltou-se-lhe o nó da inteligência;  
Quebrou-se o anel dessa prisão de carne,  
Entrou agora em sua própria essência.  
Agora é mais espírito que corpo:  
Agora é mais um ente lá de cima;  
É mais, é mais que um homem vão de barro:  
É um anjo de Deus, que Deus anima.  
Agora, sim - o espírito mais livre  
Pode subir às regiões supernas:  
Pode, ao descer, anunciar aos homens  
As palavras de Deus, também eternas.

E vós, almas terrenas, que a matéria  
Os sufocou ou reduziu a pouco,  
Não lhe entendeis, por isso, as frases santas.  
E zombando o chamais, portanto: - um louco!

Não, não é louco. O espírito somente  
É que quebrou-lhe um elo da matéria.  
Pensa melhor que vós, pensa mais livre.  
Aproxima-se mais à essência etérea.

Fagundes Varela (1841 - 1875) Luis Nicolau Fagundes Varela nasceu em Rio Claro (RJ). Escreveu uma das mais belas poesias da literatura brasileira em homenagem ao filho morto.

Abandonou a faculdade de Direito, casou aos vinte e um anos e teve um filho. A morte do filho, aos três meses de vida, que serviu de inspiração para a composição de um dos seus poemas mais importantes, Cântico do Calvário. A este fato também é atribuída a sua entrega ao alcoolismo, levando o poeta à depressão e à vida boêmia pelos bares. Ocupante da cadeira número onze da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Lúcio de Mendonça.

Em contrapartida, sua obra cresce consideravelmente em função das amarguras da vida causadas pelas perdas dos filhos (outro filho seu morre, também prematuramente) e da esposa. Ela é variada e gira em torno da exaltação da natureza e da pátria, da morte, do mal-do-século, do sentimento religioso, além de poemas que tratam da abolição da escravatura em que prega uma América livre, como é o caso dos poemas presentes no conjunto Vozes da América (1864). Faleceu jovem, aos trinta e três anos.

#### Cântico do calvário

à memória de meu filho morto a 11 de dezembro de 1863

Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança. Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, a inspiração, a pátria,  
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,  
Pomba, - varou-te a flecha do destino!  
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, - caíste!- Crença, já não vives!  
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extinta,  
Dúbios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto  
(...)

O que é a música sertaneja?

Nascida no interior das regiões sudeste, centro-oeste e sul do Brasil, a música sertaneja, ou moda de viola, surgiu por volta de 1910. Sua melodia costuma ser alegre e dançante, mas sua letra traduz as angústias, os anseios, as alegrias e esperanças, os amores e desamores cantados principalmente no interior.

Caracterizada pelas duplas, a música sertaneja tem admiradores por todo o país. Tanto é lembrada, que é uma das raízes de outro gênero musical bem marcante atualmente: o sertanejo universitário. As duas opções têm algumas semelhanças, mas mesmo assim elas continuam sendo estilos diferentes.

Tendências da música sertaneja:

**Sertanejo de raiz:** O sertanejo de raiz nasceu nas áreas rurais do país. As canções eram tocadas por homens trabalhadores que se reuniam para, através das canções, expressar sentimentos. O reconhecimento começou a surgir e o gênero ganhou espaço nacional quando Cornélio Pires decidiu levar para os grandes centros a música da roça. Mais tarde foi ele quem organizou um grupo de violeiros que lançou o primeiro disco, esgotado logo no início das vendas. Depois do sucesso do disco de Cornélio, várias duplas começaram a surgir e a fazer sucesso.

**Sertanejo universitário:** tem a ver com a ingresso de jovens na universidade. Por volta de 1990, quando estes jovens começaram a entrar nas faculdades, levaram consigo parte da tradição do sertanejo raiz. O estilo musical tomou conta e virou um grande sucesso no país todo, mas em vez de falar sobre as tristezas e angústias, de refletir os acontecimentos cotidianos ou retratar a realidade de uma determinada região, misturou-se com outros ritmos, como o arrocha, o pop e o funk carioca.

**Sofrência:** Veio da junção de sofrimento e carência, tem-se que a palavra sofrência tem a ver com dor de amor, popularmente chamada de dor de cotovelo, ou seja, é o tipo de sofrimento que é causado quando se ama alguém e essa pessoa, de alguma forma, te machuca.

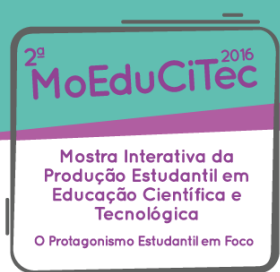
A sofrência vem sendo categorizada por muitos como sendo um novo gênero musical no Brasil dentro do sertanejo moderno, ou seja, seria um subgênero. Apesar disso, a música estilo sofrência remete a um tipo de música sertaneja que existe, no mínimo, desde os anos 70.

Esse estilo de música teve representantes como Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano, João Mineiro e Marciano, entre muitos outros. Em meados dos anos noventa, esse estilo passou a ser considerado como brega e caiu em desuso.

O estilo voltou à moda devido ao sucesso de Pablo, cantor baiano. A música “Por que homem não chora”. Assim, o sucesso do cantor baiano rompeu as fronteiras do Nordeste e se espalhou por todo o país, consolidando a sofrência como um estilo de música bastante popular novamente.

**Relação entre os poemas do ultrarromantismo séc. XIX e as músicas ditas de sofrência XXI:**

No ultrarromantismo eles morriam de amor é quanto mais doído melhor, assim como nas músicas de sofrência quanto mais traído melhor, há uma semelhança enorme se formos analisar ambos sofrem exageradamente, ambos praticam o escapismo.



**Modalidade do trabalho:** Relatório Técnico-científico

Então, morrer de amor é uma coisa que ficou no passado? Indubitavelmente não para os ouvintes da música sertaneja, fica muito clara a ideia desse sofrimento exagerado, dessa traição, dessa fuga da realidade, do amor não correspondido, enfim da dor exagerada.